

5 de Maio de 2012 – 1.ª etapa: Herning c/r (8,7 km)

Resumo para os comentadores

Breve apontamento sobre a 1.ª edição do Giro d'Itália. O favoritismo recaiu sobre dois grandes corredores da época: Para o italiano Giovanni Gerbi e para o francês Lucien Petit-Breton. Mas foi o corredor italiano Luigi Ganna, quem acabou por vencer.

LUIGI GANNA - O primeiro vencedor do *Giro d'Itália* em 1909

Foi no já distante ano em 1909 que um grupo de quatro jornalistas ligados ao jornal *Gazzetta dello Sport* decidiram pôr de pé o *Giro d'Itália* (um pouco à semelhança do que tinha acontecido em 1903 com o *Tour de France*).

Na realidade, Eugénio Costamagna, fundador do jornal, Armando Cougnet, administrador, Túlio Morgagni, redactor- chefe e Primo Bongrani, viram os seus esforços coroados, quando às três horas menos sete minutos da madrugada do dia 13 de Maio de 1909, na *Via Monza* na cidade de Milão, deram o sinal de partida para a longa 1.ª etapa do primeiro *Giro d'Itália*, na distância de 397 km, que iria levar os 115 corredores inscritos, de Milão a Bolonha.

Dois corredores reuniam o favoritismo para a vitória final: Por um lado, o italiano Giovanni Gerbi (mais conhecido pelo “ *diabo vermelho* “, porque só competia com uma camisola vermelho) e por outro, o francês Lucien Petit-Breton.

O primeiro, *campeão de Itália*, já era detentor de várias e significativas vitórias na sua carreira, entre as quais o *Giro da Lombardia* e a *Volta ao Piemonte*. Tinha sido também o primeiro corredor italiano a correr o *Tour de France*. A fama do segundo, o francês Lucien Petit Bretonm, já tinha ultrapassado as fronteiras gaulesas, tanto mais que tinha vencido as edições do *Tour de France* de 1907 e de 1908.

No entanto, quer um, quer outro, por diversas razões, nomeadamente devido a quedas e avarias nas bicicletas, ficaram rapidamente arredados da vitória final em Milão.

Luigi Ganna, que veio a ser o vencedor final dessa primeira edição de 1909 do *Giro de Itália*, não era propriamente um corredor desconhecido. Pelo contrário, era um corredor que invariavelmente terminava as provas no *top ten*. Mas muitos lhe apontavam uma

certa falta de ambição e alguma ausência de espírito de sacrifício para ultrapassar as dificuldades que lhe podiam proporcionar a vitória. Lamentava-se frequentemente de nunca ter vencido o *Giro da Lombardia* (uma prova mais antiga que o *Giro de Itália*) depois de sucessivos lugares no pódio da prova, mas a verdade é que teve, por várias vezes, a vitória ao seu alcance. Um seu contemporâneo, contou uma vez, que só viu **Luigi Ganna** correr com empenho, por duas vezes: Em 1908, quando bateu o *record* da hora em Itália, com a excelente média (para a época) de 40,405 km/hora, e em 1909, no princípio da época, quando venceu o *Milão-S.Remo*.

Nessa primeira edição de 1909 do *Giro d'Itália*, a prova vera composta por apenas oito etapas, numa extensão de 2.448 km. A prova começava em Milão, deslocava-se para sul, por Bolonha, Chieti e Nápoles, para voltar novamente para norte, por Roma, Florença, Génova, Turim e chegar novamente a Milão. Etapas muito longas, a maior das quais, logo a primeira, de Milão a Bolonha, com 397 km.

Nessa época, a classificação não era feita por medição de tempos, mas sim pelo lugar de chegada ao final das etapas, ou seja, o primeiro a chegar creditava um ponto, o segundo, dois, o terceiro, três, e assim por diante. Portanto, no final da prova em Milão, o vencedor desse primeiro *Giro d'Itália* seria aquele que tivesse menos pontos.

Luigi Ganna venceu o *Giro d'Itália* de 1909 com 25 pontos. Carlo Galetti, o segundo, averbou 27 pontos e Giovanni Rossignolli, o terceiro, creditou 40 pontos.

Na hipótese teórica de esse primeiro *Giro d'Itália* se apresentar com medição de tempos, como se faz nos nossos dias, o vencedor final teria sido Rossignolli, com uma vantagem de cerca de 27 minutos sobre Galetti e de mais de uma hora sobre **Luigi Ganna**.

Mas **Luigi Ganna** venceu esse *Giro d'Itália* com todo o mérito, após ter conquistado três difíceis e exigentes etapas, numa bicicleta com cerca de quinze quilos e a uma média de 27,260 km/hora.

No final da prova, em Milão, e na hora da entrevista ao *Gazzeta dello Sport*, ao ser questionado sobre como se sentia depois dos cerca de 2.500 km da prova que acabava de ter vencido, **Luigi Ganna**, pragmático, mas inconveniente e directo, apenas respondeu: ... *Dói-me muito o traseiro ! ...*

José Magalhães Castela

6 de Maio de 2012 – 2.^a etapa: Herning – Herning (206 km)

Resumo para os comentadores

Breve apontamento sobre a criação das camisolas (maglias) do Giro d'Itália, que distinguiram os diversos vencedores.

As camisolas do *Giro d'Itália*

Muitos comentadores desportivos apontam Eugénio Costamagna como sendo o Henri Desgranges do *Giro d'Itália*, e não deixam de ter razão.

Efectivamente, a criação do *Tour de France* em 1903 por Henri Desgranges, veio despoletar a criação de outras grandes *Volts* nacionais e, de algum modo, a servir de modelo às diferentes organizações das provas. Assim aconteceu com o *Giro d'Itália* em 1909, com a *Volta a Portugal* em 1927 e com a *Vuelta a España* em 1935.

E se a criação da *camisola amarela* (o *maillot jaune*) na edição do *Tour de France* de 1919, se deveu a razões exclusivamente publicitárias, devido à cor do papel em que era impresso o periódico desportivo *L'Auto-Le Velo*, o jornal organizador da prova, Eugénio Costamagna resolveu fazer o mesmo com o *Giro d'Itália*. Ou seja, como o periódico desportivo organizador da prova, o *La Gazzetta dello Sport* era impresso em cor rosa, assim, o símbolo da liderança do *Giro*, passou a ser uma camisola (*maglia*) rosa.

Tal aconteceu na edição de 1931 do *Giro* e coube a Learco Guerra, a honra de ser o primeiro a vestir a *maglia rosa*, por ter vencido, no dia 10 de Maio, a primeira etapa da prova, de Milão a Mantua, na distância de 206 km, após um vigoroso sprint com Alfredo Binda.

Depois sucederam-se naturalmente a criação das restantes camisolas, identificadoras dos respectivos líderes.

Não obstante o *Prémio da Montanha do Giro d'Itália* ter sido criado em 1933, com apenas quatro montanhas pontuáveis, com o inesquecível Alfredo Binda a ser o primeiro a passar em primeiro lugar nas quatro contagens (e a ter vencido o *Prémio da Montanha do Giro de Itália* pela única vez na sua vida), foi apenas em 1974 que se criou a *maglia verde* para distinguir o líder do *Prémio da Montanha*.

Curiosamente, na edição de 1956 do Giro de Itália, a organização da prova distinguiu três vencedores do *Prémio da Montanha*, correspondentes aos três maciços montanhosos da prova: Os Apeninos, em que saiu vencedor o espanhol Francisco Bahamontes, os Dolomitas, com Charly Gaul a ser o primeiro e o Stelvio a dar a merecida honra ao italiano Maule Cleto.

A atribuição de uma camisola que distinguisse o líder da classificação da regularidade, ou dos *Pontos*, também é recente. Data de 1966. Primeiro tinha a cor vermelha, mas a partir da edição de 1970 passou a ter a popular cor do ciclamino, cabendo ao italiano Gianni Motta a ser o primeiro a envergá-la.

Finalmente, a maglia azul do Intergiro foi a última a ser criada. Apenas em 1989. E uma referência ao italiano Fabrizio Guidi, que se impôs nesta classificação por três vezes: Nas edições de 1996, de 1999 e de 2000.

José Magalhães Castela

7 de Maio de 2012 – 3.^a etapa: Horsens – Horsens (190 km)

Resumo para os comentadores

Breve apontamento sobre o corredor Constante Girardengo, considerado o primeiro Championissimo do ciclismo italiano.

Constante Girardengo – O primeiro Championissimo italiano

Os exuberantes e exaltados adeptos de ciclismo italianos, tem uma expressão deveras curiosa, quando se referem aos melhores desportistas da modalidade: *Campionissimos*. Por isso mesmo, Fausto Coppi, Gino Bartali ou Alfredo Binda foram ... *Campionissimos* ... ou seja ... *Campeões dos Campeões* !

Ainda hoje, os italianos recordam amiúde e com saudade muitos dos seus *Campionissimos* e muitas das suas prestações nas diversas provas, quer em Itália, quer no estrangeiro.

O primeiro *Campionissimo* que entrou no imaginário dos adeptos italianos, terá sido, porventura, **Constante Girardengo**.

Constante Girardengo, nascido em 1893 em Novi Ligure, despontou para o ciclismo com 19 anos, sagrando-se *Campeão de Itália*, logo no ano seguinte, feito esse que repetiria por mais oito vezes.

Embora tenha participado em algumas provas, fora das fronteiras italianas, como o *Tour de France* e o *Paris-Roubaix*, em França, e em muitas das provas alemãs e suíças, para além de incursões pontuais aos Estados Unidos para participar em *Provas de Seis Dias*, **Constante Girardengo** não se cansava de repetir que era em Itália, bem junto dos seus aficionados, que se sentia mesmo bem.

Pessoa bastante educada, competidor leal e com um *fair play* extraordinário, **Constante Girardengo** teve uma carreira desportiva longa, que apenas fez cessar em Maio de 1936, com 43 anos de idade.

Entrou decisivamente no coração dos seus adeptos, ao vencer por seis vezes o *Milão-S.Remo*, uma prova criada em 1907 (ainda antes do próprio *Giro d'Itália*), para além de ter subido igualmente ao pódium da prova por mais quatro vezes.

No *Giro da Lombardia*, outra prova criada em 1905 (portanto também ainda antes do *Giro de Itália*), **Constante Girardengo** averbou três magníficas vitórias (em 1919, em

1921 e em 1922), sobretudo a primeira, em que remeteu o segundo classificado, o também italiano Gaetano Belloni para mais de oito minutos.

Vencedor das edições do *Giro de Itália* de 1919 e de 1923, foi durante alguns anos o detentor do *record mundial da hora*, em Itália, com 41,032 km.

Com os anos a pesarem, não deixava os créditos em mãos alheias, lutando sempre até ao fim. Conseguiu o título de *Vice-Campeão do Mundo* aos 33 anos e uma expressiva vitória no *Milão-S.Remo* aos 34 anos.

Continuou a correr até aos 43 anos (cessando em Maio de 1936), depois de uma carreira repleta de inúmeras vitórias.

José Magalhães Castela

9 de Maio de 2012 – 4.^a etapa: Verona – Verona (32,2 km)

Resumo para os comentadores

Alfonsina Strada foi a única mulher que correu no Giro d'Itália. Mas participou noutras duras provas do seu país, como por exemplo, no Giro da Lombardia.

Alfonsina Strada – A única mulher que correu no Giro d'Itália

A italiana Alfonsina Morini de Castelfranco Emília, que ficou conhecida por **Alfonsina Strada** (por ter adoptado o apelido o marido), era uma camponesa que tinha uma verdadeira paixão pelo ciclismo.

Alfonsina Strada já não era propriamente uma desconhecida no meio. Basta recordar que já tinha alinhado em duas edições do *Giro da Lombardia*, nomeadamente nos anos de 1917 e de 1918, classificando-se, respectivamente, em 29.º lugar na edição de 1917 a 1 hora e 34 minutos do vencedor, o belga Philippe Thys e no ano seguinte, em 21.º lugar a 23 minutos do vencedor, o seu compatriota Gaetano Belloni.

No ano de 1924, e com o apoio do marido, **Alfonsina Strada** inscreveu-se para disputar a *Volta a Itália* em bicicleta. Os organizadores, numa primeira instância, rejeitaram a candidatura desta camponesa de 32 anos, mas após a interposição de competente recurso, verificaram que afinal os regulamentos não impediam a participação de corredores do sexo feminino na maior prova de ciclismo italiana.

À partida para a primeira e longa etapa de 300 km, com saída em Milão e chegada a Génova, **Alfonsina Strada** lá se apresentou com o dorsal n.º 72, debaixo dos olhares reprovadores, quer dos companheiros de pelotão, quer dos espectadores. Que no entanto, não a demoveram do seu intento.

As primeiras etapas foram difíceis para **Alfonsina Strada**, que evidenciava assim, o papel da mulher num desporto ... de homens. Numa Itália extremamente fechada e conservadora, **Alfonsina Strada** foi apupada, assobiada e por pouco que não foi agredida. Mas nada a fez demover.

Na oitava etapa, que terminava em Foggia, **Alfonsina Strada** terminou em último lugar. Pressionados pela opinião pública, os organizadores eliminaram então esta camponesa

apaixonada pelo ciclismo sob o pretexto de ter chegado ... fora de controle. A corredora italiana bem protestou, mas nada conseguiu junto da organização.

Ferida no seu orgulho de mulher, decidiu então continuar a percorrer as restantes etapas da prova, imediatamente a seguir ao designado carro vassoura.

E com esta atitude, passou então a ser aplaudida em vez de reprovada pela opinião pública italiana.

No final da última etapa, que terminava em Milão, **Alfonsina Strada** já era considerada uma verdadeira heroína e foi recebida na meta com mais aplausos que o próprio vencedor, o seu compatriota Giuseppe Enrici.

José Magalhães Castela

10 de Maio de 2012 – 5.^a etapa: Modena – Fano (199 km)

Resumo para os comentadores

Alfredo Binda ainda hoje é considerado como um dos grandes mitos do ciclismo italiano. No ano de 1930, os organizadores do Giro d'Itália, pediram-lhe para não alinhar na prova ... para não retirar interesse à corrida ! Vencedor de 5 edições do Giro d'Itália, foi durante muitos anos, o detentor do record de vitórias em etapas.

Alfredo Binda – Pagaram-lhe para não correr no Giro d'Itália

O corredor italiano **Alfredo Binda** nasceu em 11.08.1902 em Cittiglio, perto de Varese, mas passou a sua infância e juventude em Nice (França), onde foi atraído para o ciclismo.

Em 1922 dá os primeiros passos na modalidade, e tornou-se logo notado ao ficar classificado no 4.º lugar do *Giro da Lombardia*.

No ano seguinte, com apenas 21 anos, **Alfredo Binda** passou definitivamente para os corações dos aficionados italianos, ao vencer o seu primeiro *Giro d'Itália*, ao tornar-se *Vice-Campeão de Itália* e a fechar a época com uma retumbante vitória no *Giro da Lombardia* (e a relegar os seus compatriotas Battista Giuntelli e Emano Vallazza, para os lugares imediatos a, respectivamente, 8 minutos e 20 segundos e 10 minutos e 30 segundos). Nesse mesmo ano, não fosse uma arreliadora avaria na bicicleta, talvez tivesse feito melhor que o 7.º lugar no *Paris-Roubaix*.

Robusto, muito talentoso e com excelente leitura das corridas onde participava, **Alfredo Binda** foi acumulando ao longo dos anos um excelente palmarés, onde, entre outras e muitas vitórias, estão inscritas 5 edições do *Giro d'Itália* (nomeadamente as edições de 1925, 1927, 1928, 1929 e 1933) e *41 das suas etapas* (record apenas superado recentemente pelo grande sprinter Mário Cipollini), *3 títulos de Campeão do Mundo* (em 1927, 1930 e 1932), *4 títulos de Campeão de Itália*, *4 vitórias no Giro da Lombardia*, *2 vitórias no Milão-S.Remo*, só para referir as mais importantes.

No ano de 1930, a demonstração das capacidades técnico-atléticas de **Alfredo Binda** eram tais, que os organizadores do *Giro d'Itália* pediram-lhe para não alinhar na maior prova italiana, pois a sua presença ... iria sem dúvida retirar todo o interesse ao *Giro*

d'Itália ! E para o compensar, ofereceram-lhe o dinheiro correspondente aos prémios que teria direito, como se fosse ele o vencedor. Claro está que **Alfredo Binda** não hesitou em aceitar e foi correr para a Alemanha.

Alfredo Binda retirou-se do ciclismo no dia 22 de Março de 1936 (com 33 anos), após uma grave queda no decorrer do *Milão-S.Remo*.

No *Giro d'Itália*, perdurou durante muitos anos o nome de **Alfredo Binda**. Não só pelos seus recordes em etapas (que, como já referimos só foi superado recentemente por Mario Cipollini), mas também pelo número de edições que venceu (Cinco), apenas superadas, pela primeira vez por Fausto Coppi.

Aliás, Fausto Coppi e Gino Bartali, outros dois grandes nomes do ciclismo transalpino, foram treinados e dirigidos por **Alfredo Binda**.

José Magalhães Castela

11 de Maio de 2012 – 6.^a etapa: Urbino – Porto Sant´ Elpidio (207 km)

Resumo para os comentadores

Na edição de 1963 do Giro d'Itália, também houve uma maglia nera (maillot preto).

A maglia nera (O maillot preto)

Na edição do *Giro d'Itália* de 1963, apresentaram-se à partida dois corredores com o maillot (*maglia*) distintivo de *Campeão de Itália*: Bruno Mealli da equipa *Cynar* e Marino Fontana da formação *San Pellegrino*.

Como é que isto foi possível ?

O *Campeonato de Itália* de ciclismo, nesse ano de 1963, poucos dias antes de ter começado o *Giro*, tinha sido constituído por três provas de estrada, nomeadamente, o *Giro de Calabria* realizado a 14 de Abril, o *G.P. di Prato*, a 21 de Abril e o *Giro di Romagna* a 25 de Abril, tendo saído vencedores, os corredores Ercole Baldini, Vendramino Bariviera e Bruno Mealli.

Na contagem dos pontos para a atribuição do título de *Campeão de Itália*, estalou uma discussão entre os organizadores das três provas, a *Federação Italiana de Ciclismo* e a *Liga Profissional de Ciclistas Italianos*.

Enquanto que a *Federação Italiana* considerou que o título de Campeão devia ser atribuído a Bruno Mealli com 34 Pontos, a *Liga Profissional*, por sua vez, entendeu que o Campeão devia ser Marino Fontana, com 35 Pontos. E como não chegaram a acordo, quer a *Federação*, quer a *Liga*, decidiram, cada uma de per si, atribuir portanto o título de campeão a dois corredores distintos.

Para a organização do *Giro de Itália*, ter dois campeões italianos de ciclismo em prova, não podia acontecer. A decisão, no entanto, não era fácil de encontrar, atendendo à irredutibilidade da *Federação Italiana* e da *Liga Profissional*. Era um perfeito desprestígio para o *Giro d'Itália* e para o próprio ciclismo italiano.

Mas a decisão chegou no decurso da 5.^a etapa, entre Pescara e Viterbo, com a organização do *Giro* a decidir que apenas Bruno Mealli podia envergar a *maglia de Campeão de Itália*.

Marino Fontana, inconformado, decidiu abandonar o *Giro*. E todos os corredores da sua equipa, a *San Pellegrino*, solidários com ele, estavam dispostos abandonar igualmente a prova. Mas os seus directores desportivos, convenceram-nos a não abandonar o Giro, com vista a proteger os direitos dos patrocinadores.

Foi então que todos os corredores da *San Pellegrino* passaram a alinhar com um maillot preto (a *maglia nera*).

E um dos corredores da *San Pellegrino*, Giorgio Zancanaro, terminou o *Giro d'Itália* desse ano de 1963 em 3.º lugar da *classificação geral individual*, vestido com uma *maglia nera*, tendo conseguido essa classificação muito à custa da excelente etapa que venceu, entre Salsomgion e Spezia, onde venceu igualmente todas as contagens de montanha.

Um verdadeiro golpe publicitário !

José Magalhães Castela

12 de Maio de 2012 – 7.ª etapa: Recanati – Rocca di Cambio (202 km)

Resumo para os comentadores

O entusiasmo dos tifosi, para além de exagerado, assume por vezes actos insólitos, como o de insultarem ou agredirem os próprios corredores.

Os tifosi e o Giro d'Itália

É por demais conhecido o entusiasmo dos adeptos italianos de ciclismo nas inúmeras provas de ciclismo que se disputam em Itália.

Nesse entusiasmo esfusante, para não dizer exagerado, porventura coexistem outros sentimentos próprios do ser humano, por vezes imbuídos de alguma irracionalidade, que nada tem a ver com a competição desportiva ou com os seus mais directos intervenientes, ou sejam, os próprios desportistas.

E quando vem ao de cima uma pretensa rivalidade entre dois competidores que disputam o primeiro lugar numa prova, naturalmente que os apoios dos adeptos dividem-se, muitas vezes sem razões lógicas.

Em 1977, tudo indicava que o *Giro d'Itália* iria ser ganho por Francesco Moser, duplo *Campeão do Mundo de Ciclismo* e com 14 vitórias absolutas nos primeiros quatro meses do ano, entre as quais o *Campeonato de Zurique* e a *Flèche Wallonne*. Os adeptos andavam radiantes.

Mas outros adeptos transalpinos apostavam noutro italiano: Gianbattista Baronchelli, um corredor mais completo que se sentia bem na alta montanha, e que vinha de uma soberba vitória na *Volta à Romandia*.

Estava assim criada a rivalidade, eventualmente fictícia, entre os tifosi.

Nessa edição do *Giro* de 1977, efectivamente, após as vitórias do *sprinter* Freddy Maertens nas primeiras etapas da prova, Francesco Moser envergou a *maglia rosa* no final da 5.ª etapa, com uma exigente chegada ao alto de Spolito Montelucio. Os corredores Baronchelli e Pollentier passaram a ficar nos lugares imediatos da *geral individual*.

Francesco Moser aguentou a *maglia rosa* até à 16.ª etapa, mas no dia seguinte, na tirada entre Conegliano e Cortina, Michelle Pollentier, o corredor belga com um desajeitado

estilo em cima da bicicleta, foi mais forte e passou a envergar o símbolo da liderança, logo seguido de Gianbattista Baronchelli.

Os adeptos do trentino Francesco Moser, inconformados, e no pressuposto de que Baronchelli tinha ajudado o corredor belga a chegar à liderança do *Giro d'Itália*, pura e simplesmente atiraram-lhe um gato para as suas costas, em plena subida dos 2.292 metros do Valparola.

E quando dias mais tarde, numa etapa menos boa, Francesco Moser disse adeus à possibilidade de vencer o *Giro d'Itália*, os seus adeptos, revoltados, ameaçaram-no e por pouco não o agrediram. O corredor italiano teve de se refugiar, à falta de melhor, na viatura que estava mais perto de si. Na viatura ... do controlo anti-doping !

Na edição do *Giro de Itália* de 1984, quando a *maglia rosa* passou, logo na 2.^a etapa, de Francesco Moser para Laurent Fignon, os adeptos italianos tudo fizeram para desanimar o corredor francês.

Como se não bastassem os palavrões com que Laurent Fignon foi insultado, os tifosi chegaram ao ponto de lhe cuspirem para cima.

Cenas verdadeiramente insólitas !

José Magalhães Castela

13 de Maio de 2012 – 8.ª etapa: Sulmona – Lago Laceno (229 km)

Resumo para os comentadores

O corredor sueco Gosta Pettersson, venceu o Giro d'Itália de 1971. Breve apontamento sobre a sua carreira desportiva

Gosta Pettersson – Vencedor do Giro de 1971

Muitos comentadores e jornalistas desportivos sempre consideraram que o corredor sueco **Gosta Pettersson** passou ao lado de uma grande carreira.

Uns apontaram a sua falta de agressividade na maneira de correr, deste sueco, tímido por natureza. Outros opinaram que **Gosta Pettersson** geriu sempre mal a sua carreira desportiva. São opiniões que naturalmente se respeitam.

Gosta Pettersson nasceu na Suécia em 23.11.1940, em Alingsås, uma pequena povoação no sul do país, perto da cidade de Goteborg. E foi na adolescência que sentiu o apelo pela actividade velocipédica, juntamente com os seus irmãos Eric, Sture e Thomas.

Em 1964, **Gosta Pettersson**, com 24 anos de idade, alinha no *Campeonato do Mundo de Estrada, na categoria de Amadores* e conquista o 3.º lugar.

Nesse mesmo ano, **Gosta Pettersson** e os seus irmãos Eric, Sture e Thomas, estreiam-se nos *Jogos Olímpicos de Tóquio* e classificam-se em 3.º lugar (medalha de bronze) na *prova de estrada por equipas*, conseguindo os quatro irmãos, quatro anos depois, em 1968, nos *Jogos Olímpicos do México*, o 2.º lugar (medalha de prata).

Nesses mesmos Jogos Olímpicos realizados no México, **Gosta Pettersson** obteve a medalha de bronze na prova de estrada, correspondente ao 3.º lugar, perante um Pierfranco Vianelli (Medalha de ouro) soberbo e um Leif Mortensen extraordinariamente forte.

Nos *Campeonatos do Mundo de Estrada por equipas* (100 km), uma prova infelizmente desaparecida do calendário da União Ciclista Internacional, os quatro irmãos Pettersson foram verdadeiramente excepcionais em três anos consecutivos, 1967, 1968 e 1969, ao conquistarem o título de *Campeões do Mundo*.

Gosta Pettersson, em termos de qualidade técnico-atlética, o melhor dos quatro irmãos, abraçou o profissionalismo em 1970, já com 30 anos de idade, assinando um contrato com a formação italiana da *Ferretti*.

Nesse ano de 1970, fez-se logo notar ao conseguir vitórias absolutas no *Tour da Romandia*, na *Copa Sabatini* e, juntamente com o seu irmão Thomas, no *Troféu Baracchi*. E na sua primeira participação no *Tour de France*, e talvez sem surpresa, **Gosta Pettersson** obtêm um brilhante 3.º lugar na *geral individual final* da prova francesa, seguindo sempre muito de perto o fenomenal Eddy Merckx, copiando o seu modo de correr, de atacar e de sofrer.

No ano de 1971, **Gosta Pettersson** manteve-se na equipa da *Ferretti* e vence o *Giro de Itália*, após envergar a *maglia rosa* no final da 18.ª etapa entre Lienz e Falcade. Não venceu qualquer etapa, meta volante ou contagem de montanha, pois o seu segredo estava no calculismo e na regularidade.

Fechou o ano de 1971, com mais duas vitórias, nomeadamente no *Giro dell'Appennin* e no *Giro delle Marche*.

Ainda correu até 1974, nas formações da *SCIC* e da *Magniflex*, sem grandes resultados, excepção feita a um 2.º lugar na *geral individual final* da *Volta à Suiça* de 1974.

José Magalhães Castela

14 de Maio de 2012 – 9.^a etapa: San Giorgio nel Sannio – Frosinone
(171 km)

Resumo para os comentadores

José Azevedo foi o corredor português que conseguiu a melhor classificação no Giro d'Itália. Aconteceu na edição da prova de 2001, estava o corredor português ao serviço da formação espanhola da ONCE.

José Azevedo no Giro d'Itália de 2001

Desde o início da sua carreira desportiva que **José Azevedo** (filho de um antigo corredor da equipa do *Futebol Clube do Porto*, Gabriel Azevedo) nos habituou a excelentes resultados. Vitórias absolutas em muitas das provas do calendário velocipédico nacional e em dois *Campeonatos Nacionais*.

Ao serviço da formação portuguesa da *Maia* e depois de uma experiência internacional interessante e prometedora, sobretudo em terras espanholas (nomeadamente na *Volta a Espanha*, na *Volta a Aragão*, na *Clássica do Guadarrama*, na *Subida a Naranco* e na *Volta às Astúrias*), foi sem surpresa que no final da época de 2000, os adeptos portugueses viram sair **José Azevedo** de Portugal, em direcção à fortíssima equipa da *Once*, após um convite que lhe tinha sido dirigido por Manollo Sainz.

Logo em 2001, em ano de rodagem pelas principais provas do circuito internacional e em fase de integração no seio da equipa, **José Azevedo** fez valer toda a sua classe, quer em terras portuguesas, com um 2.º lugar na *Volta ao Algarve*, quer na conquista, pela terceira vez, do *Campeonato Nacional de Contra-Relógio*. E a nível internacional, o 5.º lugar no *Paris-Nice*, o 7.º lugar na *Volta a Valência*, o 8.º lugar na *Volta ao País Basco* e sobretudo o 5.º lugar no *Giro de Itália*, confirmaram-no como um dos mais sólidos valores do ciclismo internacional.

Das chamadas três grandes provas, até ao ano de 2001, **José Azevedo** só tinha feito duas *Volta a Espanha* ao serviço da *Maia*, prova realizada praticamente no fim da época, onde o desgaste do corredor é imenso, e que não permite grandes ambições.

Ao iniciar o *Giro de Itália* de 2001, **José Azevedo** estava longe de imaginar que iria terminar no 5.º lugar da *Geral Individual Final*. O objectivo da formação da *Once* era

levar o *chefe-de-fila* da equipa, Abraham Olano ao melhor resultado possível. Era essa a missão, não só do corredor português, mas também dos espanhóis Francisco Tomas Garcia, Álvaro Gonzalez de Galdeano, Isidro Nozal, Miguel Angel Peña e Joaquin Rodriguez e dos checos René Andrlé e Jan Hruska.

Após o *Prólogo* e as primeiras etapas planas, próprias para os *sprinters*, com natural destaque para Danilo Hondo e Mário Cipollini, **José Azevedo**, mercê uma regularidade espantosa, vai subindo na *classificação geral individual*.

Após a 1.º etapa, já está no 8.º lugar da *geral individual*. No final da 4.ª etapa, com chegada a Montevergine di Mercogliano, **José Azevedo** ocupa o 5.º posto da *geral individual*.

No final da 8.ª etapa, em Reggio Emília, **José Azevedo** está em 2.º lugar da *geral individual* a escassos 3 segundos de Dário Frigo, o detentor da *maglia rosa*, tendo atrás de si, o seu *chefe-de-fila* Abraham Olano e Gilberto Simoni.

Chega a montanha e a hora de **José Azevedo** trabalhar para Abraham Olano. Desce alguns lugares na *classificação geral*, mas progressivamente volta a subir no longo *contra-relógio* de 56 km entre Sirmione e Salò. Classifica-se em 5.º lugar na etapa, depois de Dário Frigo, de Gilberto Simone, de Olano e do ucraniano Serguei Gontchar, e passa a ocupar o 5.º posto na *geral individual*.

A 17.º etapa poderia ter proporcionado a vitória a **José Azevedo**. Ficou em 2.º lugar, a escassos 2 segundos de Pietro Caucchioli.

O 5.º lugar na *geral individual* no *Giro de Itália de 2001* de **José Azevedo**, manteve-se até ao dia 10 de Junho de 2001, último dia da grande prova italiana, e foi com muita alegria, que viu Abraham Olano, seu *chefe-de-fila*, subir ao pódio, para ocupar o 2.º lugar da *Volta a Itália*, logo a seguir a Gilberto Simone e à frente do seu compatriota Unai Osa da formação da *iBanesto.com*.

José Magalhães Castela

15 de Maio de 2012 – 10.^a etapa: Civitavecchia – Assisi (187 km)

Resumo para os comentadores

Os corredores espanhóis sempre tiveram uma presença relevante nas várias edições do Giro d'Itália em que participaram. Venceram 95 etapas, vestiram a maglia rosa durante 101 dias e venceram vários prémios da montanha.

A armada espanhola no Giro d'Itália

Desde a criação do *Giro de Itália*, no ano de 1909, até 1950, o *Giro de Itália* constituiu, sem dúvida, um verdadeiro “ terreno de caça “ dos corredores italianos, que, de edição em edição, sempre conquistaram os três primeiros lugares do pódio, exceção feita às edições de 1919 (em que o belga Marcel Buysse conquistou o 3.º lugar), de 1920 (em que o francês Jean Alavoine igualmente conquistou o 3.º lugar) e às edições de 1932 e de 1933 (em que o corredor belga Jef Demuyssere se classificou em 2.º lugar nesses anos).

Carlo Galetti, Constante Girardenco, Giovanni Brunero, Alfredo Binda, Gino Bartali, Giovanni Valetti, Fausto Coppi, Fiorenzo Magni, e muitos outros, impuseram-se sempre nos momentos decisivos da prova e nunca deixaram que a *maglia rosa* saísse das fronteiras transalpinas.

O primeiro corredor a intrometer-se no domínio italiano no *Giro de Itália*, foi o suíço Hugo Koblet, que arrebatou a vitória final da edição de 1950 a Gino Bartali.

Vale no entanto a pena referenciar a presença dos corredores espanhóis no *Giro d'Itália*, que não obstante creditarem a seu favor três vitórias absolutas na maior prova italiana (as de Miguel Indurain em 1993 e 1994 e a de Alberto Contador em 2008), conseguiram ao longo dos anos preencher um extenso palmarés deveras honroso.

Foi na edição da prova de 1931, que pela primeira vez alinharam dois corredores espanhóis à partida do *Giro d'Itália*. Sem sucesso, refira-se, pois quer Ricardo Montero, quer Mariano Cañardo, desistiram na terceira etapa.

Mas outros se seguiram e obtiveram sucesso.

Porventura, os maiores sucessos recaíram na conquista, pelos espanhóis, do *Prémio da Montanha*. O primeiro espanhol a vencer o *Prémio da Montanha do Giro*, foi Federico Bahamontes, em 1956, numa edição (a única) em que havia três *Prémios da Montanha* para atribuir, correspondentes às cadeias montanhosas a escalar: Os *Apeninos*, os *Dolomitas* e o famoso *Stelvio*.

Federico Bahamontes venceu nos Apeninos.

Nos anos posteriores, o *Prémio da Montanha do Giro d'Itália*, foi conquistado por Angelino Soler, Aurélio Gonzalez, Francisco Galdos, Andrés Olivas, Faustino Fernandez Ovies, José Luís Navarro, Pedro Muñoz, Iñaki Gaston, Juan Manuel Garate e o extraordinário José Manuel Fuente, que só à sua conta, creditou 4 *Prémios da Montanha* nas edições de 1971, 1972, 1973 e 1974.

Noutras classificações podemos recordar as vitórias de Alberto Leanizbarrutia e de Miguel Indurain no *Prémio Intergiro*, nas edições de 1991 e de 1992.

95 etapas foram conquistadas pelos corredores espanhóis nas diversas edições da prova, com especial destaque para as 20 vitórias em etapas, conseguidas por Miguel Poblet, nas edições de 1956, 1957, 1958, 1959, 1960 e 1961.

Durante **101 dias** andou a *maglia rosa*, o símbolo da liderança da prova, no dorso dos corredores espanhóis, com especial destaque para Miguel Indurain, que a vestiu, durante 29 dias, nas edições de 1992 e de 1993. Mas José Manuel Fuente, Júlio Jimenez, Francisco Galdos, José Perez Francés, Miguel Poblet, António Suarez, Salvador Botella, Juan Carlos Dominguez, José Enrique Gutierrez e mais recentemente, Abraham Olano, Alberto Contador e o meio português David Arroyo, também a vestiram.

E deixamos para o fim a presença dos corredores do país vizinho no **pódio**: **Vitórias absolutas** para Miguel Indurain (com vitórias em 1992 e 1993 e um 3.º lugar em 1994) e para Alberto Contador (com vitória em 2008).

Segundos lugares para José Manuel Fuente em 1972, Francisco Galdos em 1975, Abraham Olano em 2001 (que também conseguiu o 3.º lugar em 1996), José Enrique Gutierrez em 2006 e David Arroyo em 2010.

Terceiros lugares para António Suarez em 1961, Francisco Galdos em 1972, Alberto Frenandez Blanco em 1983, e Unai Osa em 2001.

José Magalhães Castela

16 de Maio de 2012 – 11.^a etapa: Assisi – Montecatini Terme (243 km)

Resumo para os comentadores: Fausto Coppi tornou-se numa personagem mitológica no mundo velocipédico. Entre a glória das muitas vitórias e a tristeza das inúmeras tragédias que percorreram a sua curta vida, Fausto Coppi, ainda hoje é recordado, sempre que se fala de ciclismo. No museu de ciclismo existente em Madonna del Ghisalo, pode ser visto um magnífico busto do corredor, cuja expressão retrata as tragédias que percorreram a sua vida.

Fausto Coppi – Entre a glória e tragédia

Figura incontornável na história do ciclismo, **Fausto Coppi** terá sido, porventura, o corredor sobre o qual mais se escreveu nos últimos 50 anos.

Para além das várias biografias que já foram publicadas sobre **Fausto Coppi** (e algumas delas, bastante polémicas), milhares de notícias, artigos de opinião, testemunhos e depoimentos já foram produzidos desde a data da sua morte, a 2 de Janeiro de 1960. E a generalidade das publicações que nos contam a história do ciclismo, reproduzem com mais ou menos detalhe os seus êxitos desportivos, a sua maneira de correr, as adversidades, o seu relacionamento com os adversários, com os adeptos e com o público. As inúmeras fotografias do corredor, sugerem-nos uma figura perfeitamente inconfundível no pelotão, por vezes com uma máscara de dor, outras vezes com um sorriso contido, como que a querer esconder as suas próprias tragédias.

A generalidade dos autores não hesita em definir **Fausto Coppi** como um personagem verdadeiramente mítico, talvez porque a glória e a tragédia andaram de braço dado ao longo dos seus 40 anos de vida.

Como corredor, e só para falar das suas maiores glórias, com apenas 20 anos de idade, venceu a primeira das suas cinco *Voltas a Itália*, duas das quais, no mesmo ano em que venceu as duas edições da *Volta a França*. Aos vários títulos de *Campeão de Itália*, somou os títulos de *Campeão do Mundo de Perseguição*, em 1947 e 1949 e o de *Campeão do Mundo de Estrada* em 1953. Pelo meio, em 1942, estabeleceu o *record mundial da hora*, como era habitual muitos corredores dessa época tentarem.

As cinco vitórias de **Coppi** no *Giro da Lombardia*, foram sempre em solitário, cujas fugas começavam na difícil subida do *La Madonna del Ghisallo*, em que deixava os seus mais directos adversários sem argumentos. Com um palmarés de vitórias extenso, passou a sua categoria por muitas das provas que hoje fazem parte do circuito *World-Tour*.

Com uma curta vida atravessada por tragédias pessoais, e vinte e quatro horas depois de ter vencido o *Giro de Itália* de 1940, a Itália entra na 2.ª Grande Guerra Mundial e **Fausto Coppi** é mobilizado. Como soldado n.º 7.375 do 38.º Regimento de Infantaria Italiano, esteve prisioneiro durante mais de dois anos. Em 1951, viu morrer o seu irmão Serse Coppi no *Giro do Piemonte*. Muitos afirmaram, que a partir daí, para **Fausto Coppi**, sorrir era um sofrimento. Casado e com uma filha, envolveu-se maritalmente com Giulia Occhini, esposa de um grande adepto seu e de quem teve um filho. Numa Itália puritana, e por tal facto, foi ameaçado de ser excomungado pela Igreja Católica, e o Papa Pio XII, recusava-se mesmo a abençoar o *Giro de Itália*, se **Fausto Coppi** estivesse inscrito. Faleceu em 2 de Janeiro de 1960, após ter contraído malária (juntamente com o seu grande amigo e adversário Raphael Geminiani), quando ambos, em fim de carreira, participaram numa prova em África, no antigo Alto Volta (hoje, Burkina Baso).

Muitos comentadores e jornalistas sempre se interrogaram sobre o segredo das vitórias de **Fausto Coppi**. E, de algum modo, todos são unânimes em considerar que **Fausto Coppi** construía as suas grandes vitórias na alta montanha.

Na edição do *Giro de Itália* de 1949, **Fausto Coppi** esperou o momento de atacar, que chegou na 11.ª etapa entre Cuneo e Pinerolo, na distância de 254 km.

Nessa tirada, **Fausto Coppi** não esperou muito tempo para atacar. Praticamente no princípio da etapa. Como se diz na gíria velocipédica, pura e simplesmente ... foi-se embora !

Imparável, **Fausto Coppi** vence as contagens de montanha de *Vars* (2.111 metros), *Izoard* (2.361 metros), *Madeleine* (2.000 metros), *Montegenevre* (1.850 metros) e *Sestriére* (2.035 metros). Venceu naturalmente a etapa e envergou a *maglia rosa* até ao fim da prova.

Dizem que foi a sua melhor etapa, de todos os *Giros de Itália* em que participou.

E é com alguma razão que os adeptos italianos, sobre **Fausto Coppi**, não cessam de repetir: “ ... *Quem o viu correr, jamais o esquecerá ! Quem não o viu correr, não sabe o que perdeu ! ...* “

Foi por estas e por outras, que milhares de adeptos de italianos, passaram a apelidar **Fausto Coppi** de ... *Campionissimo* ... ou seja ... o *Campeão dos Campeões*

José Magalhães Castela

17 de Maio de 2012 – 12.^a etapa: Seravezza – Sestri Levante (157 km)

Resumo para os comentadores: Gino Bartali era um corredor humilde, muito religioso e conservador. Por tal facto, foi apelidado de ... o Piedoso. Ajudou a escrever o Giro d'Itália com letras de ouro.

12 - Gino Bartali ... O Piedoso

Durante um jantar em Toledo, onde também esteve presente **Alves Barbosa**, questionei **Federico Bahamontes**, vencedor do *Tour de France* de 1959, sobre quem, na sua opinião, teria sido o maior corredor de todos os tempos. Simpático e afável como sempre, respondeu-me Don Federico

*... meu caro amigo: Se cotejarmos as estatísticas e os resultados, indubitavelmente que temos que nos curvar perante o fantástico **Eddy Merckx**. Mas deixe-me dizer-lhe também. Se não tivesse havido uma 2.^a Grande Guerra Mundial, provavelmente o maior de todos, poderia ter sido essa verdadeira força da natureza chamada **Gino Bartali** ...*

Na realidade, o italiano **Gino Bartali** começou a correr em 1934, com apenas 20 anos, e no ano seguinte já detinha o título de *Campeão de Itália* (título, que repetiria por mais três vezes).

Em 1936, com 22 anos averbou o primeiro *Giro d'Itália*. Em 1937, com 23 anos, venceu o seu segundo *Giro d'Itália*.

Em 1938, com 24 anos, venceu o *Tour de France*.

Só que em 1939, a 2.^a Grande Guerra Mundial estragou os planos de **Gino Bartali** no sentido de poder igualmente evidenciar-se noutro tipo de provas, nomeadamente nas *Clássicas Europeias*, que entretanto foram todas suspensas.

Durante o período que durou a 2.^a Grande Guerra Mundial (entre 1939 e 1945), não obstante a Itália estar envolvida na contenda, algumas provas de ciclismo italiano foram realizadas, nomeadamente os circuitos e as pequenas provas de 2 e 3 dias.

Só em 1946 é que finalmente **Gino Bartali** pôde competir “ a sério “, vencendo mais uma vez o *Giro d'Itália* e consagra-se com 7 vitórias na classificação do *Prémio da Montanha*.

Venceu novamente o *Tour de France* em 1948, já com 34 anos.

Mas **Gino Bartali** foi sempre um corredor de vitórias polivalentes. A *Volta ao País Basco*, as três edições do *Giro da Lombardia* e outras tantas do *Milão-S.Remo*, dois *Campeonatos de Zurique*, duas *Volts à Suíça* e uma *Volta à Romandia* também fizeram parte do seu extenso e brilhante palmarés.

Mas durante grande parte da sua carreira, **Gino Bartali**, um homem humilde, muito religioso e conservador (por isso mesmo foi alcunhado de ... o Piedoso), teve pela frente um adversário de grande nível, cinco anos mais novo: O seu compatriota, Fausto Coppi, um corredor impulsivo, um verdadeiro diamante em bruto e que aprendia sempre um pouco mais quando disputava uma prova de ciclismo. Antes da 2.^a Grande Guerra Mundial, chegaram ambos a correr pela mesma equipa, a Legnano.

No imaginário da velocipedia, **Gino Bartali** e Fausto Coppi foram os grandes adversários da sua época, que dividiram a Itália em dois campos: Os tifosi coppiani e os tifosi barteliani. A Itália ficou dividida entre os dois, tal como mais tarde se veio a verificar em França, com os gauleses Jacques Anquetil e Raymond Poulidor. Fausto Coppi era do Norte desenvolvido de Itália e **Gino Bartali** era do Sul rural e pobre do país.

Especulou-se que até na caça, desporto que ambos praticavam regularmente, andavam sempre em competição, para ver quem abatia mais coelhos.

José Magalhães Castela

18 de Maio de 2012 – 13.^a etapa: Savone – Cervere (121 km)

Resumo para os comentadores: Durante os anos de 1942 e de 1943, o Giro d'Itália também se realizou. Mas de uma maneira muito diferente. Chamaram-lhe o Giro di Itália di Guerra.

As edições do *Giro di Itália* que não aparecem nos livros de ciclismo

Durante o período que durou a 2.^a Grande Guerra Mundial, de 1939 a 1945, as competições desportivas nos diversos países europeus envolvidos no conflito, estiveram suspensas.

No entanto, e não obstante a Itália também estar envolvida no conflito, o sempre elevado entusiasmo dos adeptos do ciclismo fez com que algumas entidades organizadoras, fizessem todos os possíveis e impossíveis para pôr de pé algumas provas velocipédicas. E foi assim que algumas corridas de pequena dimensão e de baixos custos organizativos, continuaram a vir para a estrada, como foram o caso do *Milão-S.Remo*, do *Giro da Lombardia*, do *Giro da Toscana*, do *Giro do Piemonte*, etc.

Como o periódico desportivo *Gazzetta dello Sport*, a entidade organizadora do *Giro d'Itália*, não reuniu as condições para organizar a prova no período que mediou entre 1941 e 1945, uma organização independente, com o apoio da Federação Italiana de Ciclismo, resolveu ensaiar o chamado *Giro di Itália di Guerra*.

E como foi feito o *Giro di Itália di Guerra*, que só se realizou em 1942 e 1943 ?

Como algumas provas velocipédicas de pequena dimensão continuavam a serem realizadas, a organização independente do *Giro di Itália di Guerra*, limitava-se a atribuir uma pontuação, consoante a chegada à meta dos diversos corredores e a fazer envergar o corredor mais pontuado com uma *maglia rosa*.

No ano de 1942, pontuaram para o *Giro di Itália di Guerra*, os resultados das seguintes provas: *Milão-S.Remo*, o *Giro del Lazio*, o *Giro di Toscana*, o *Giro dell'Emília*, o *Giro del Veneto*, o *Giro di Piemonte*, o *Giro di Campania* e o *Giro di Lombardia*.

No final desse ano de 1942, o *Giro di Itália di Guerra* teve um vencedor conhecido: Gino Bartali com 25 pontos. Os restantes lugares do pódium foram para Pierino Favalli, com 23 pontos e Adolfo Leoni, com 18 pontos.

O ano de 1943, por dificuldades várias devido à guerra, ficou reduzido à pontuação em quatro provas: *Milão-S.Remo*, *Troféu Moschini*, *Giro di Toscana* e *G.P. di Roma*.

A classificação final do *Giro di Itália di Guerra* desse ano de 1943, ficou estabelecida do seguinte modo: 1.º lugar e *Maglia rosa* para Glauco Servadei, com 21 pontos, 2.º lugar para Olímpio Bizi com 13 pontos e 3.º lugar para Gino Bartali, com 10 pontos.

José Magalhães Castela

19 de Maio de 2012 – 14.^a etapa: Cherasco – Cervinia (205 km)

Resumo para os comentadores: A mais bela vitória de Charly Gaul, ocorreu, sem dúvida, na edição do Giro d'Italia de 1956. E foi devido a ela que Charly Gaul passou a ter o nome de ... Anjo da Montanha.

A vitória de Charly Gaul no Giro d'Italia de 1956

Os jornalistas e comentadores da época afirmaram que a vitória de **Charly Gaul** no *Giro d'Italia de 1956*, foi mesmo a melhor de todas. E foi devido a ela que **Charly Gaul** passou a ser alcunhado pelo “*Anjo da Montanha*”.

Quando **Charly Gaul** se apresentou à partida em Milão para disputar a edição do *Giro d'Italia* de 1956, conhecia bem as dificuldades que se lhe deparavam para obter um bom resultado. Em primeiro lugar, a dificuldade de bater os corredores italianos, que eram exímios na entreaajuda, quando algum estrangeiro tivesse a veleidade de sonhar com a vitória final. Depois o tempo, sempre incerto no mês de Maio, onde não raro, o vento, a chuva e a neve podiam acompanhar o pelotão ao longo de várias etapas. E finalmente, a montanha. Não obstante **Charly Gaul** se sentir bem na alta montanha, uma quebra de ritmo, um dia menos bom ou um azar, podiam deitar por terra todas as expectativas.

Charly Gaul deu um primeiro sinal da sua presença na edição de 1956 do *Giro d'Italia*, na 9.^a etapa, entre Pescara e Campobasso, ao vencer a *contagem de montanha* de *Palena* e a chegar em primeiro à meta, acompanhado do holandês Wout Wagtmans da formação da *Italcover*.

Por esta altura, o italiano da equipa *Atala*, Alessandro Fantini, andava de *maglia rosa*.

Uns dias mais tarde, na 13.^a etapa, entre Livorno e Lucca, um *contra-relógio* de 54 km, mas com uma *contagem de montanha* na Basílica di San Luca, **Charly Gaul** vê cair por terra as hipóteses de um bom resultado. Não obstante ter vencido a *contagem de montanha*, vários problemas mecânicos na bicicleta, levaram a um mau resultado na etapa.

A *maglia rosa* passou a ser envergada por Pasquale Fornara da formação da *Arbos*, um italiano com várias vitórias, nomeadamente na *Volta à Suíça* e na *Volta à Romandia*.

Aliás, Fornara já tinha obtido um 3.º lugar no *Giro d'Itália* de 1953 e um 4.º lugar no *Tour de France* de 1954.

Dois dias depois, na 15.ª etapa, e sem dar o máximo de si, **Charly Gaul** vence a *cronoescalada* de 2.450 metros da Scalata di San Luca, deixando o detentor da *maglia rosa*, Fornara, a 19 segundos.

Charly Gaul, em termos de *geral individual*, nem sequer estava no *top ten*, com quase 8 minutos de atraso para Pasquale Fornare.

E o grande dia chegou com a etapa rainha. 242 km, entre Merano e Trento/Bondone. Primeiro foi a chuva. E depois da chuva, foi o vento. E depois do vento, a neve que não parava de cair, nas quatro difíceis *contagens de montanha* da jornada.

Charly Gaul atacou cedo, na primeira *contagem de montanha* do dia, nos 1.753 metros de Costalunga. Venceu a *contagem*, mas foi apanhado numa descida cautelosa, pelos mais directos adversários.

Na segunda montanha do dia, o *Passo Rolle* (1.970 metros), **Charly Gaul** atacou novamente, quando as condições atmosféricas estavam perfeitamente intoleráveis.

Nessa subida, houve mesmo um corredor italiano, Stefano Gaggero, que foi obrigado a parar, pois o frio tolhia-lhe os membros. Entrou num pequeno albergue, descansou à lareira, tomou uma bebida quente, recompôs forças, e só depois é que voltou à corrida.

Charly Gaul passou isolado na *contagem* do *Passo Rolle* com dois minutos e meio sobre um grupo de perseguidores liderados por Pasquale Fornara.

Mas na descida sofreu dois furos e foi ultrapassado.

Como mais tarde referiu aos jornalistas, **Charly Gaul** não se importava de perder algum tempo nas descidas. Aproveitava para se alimentar e para recompor as forças. Uma verdadeira lição de tática desportiva.

Na terceira *contagem* do dia, em *Broncon* (1.616 metros) e já debaixo de neve, **Charly Gaul**, sempre em solitário, ultrapassa tudo todos e vence a *contagem*.

Após uma descida cuidadosa, devido a problemas nos travões, o mítico *Bondone* (1.650 metros) apresentava-se perante **Charly Gaul**, perfeitamente dantesco. Um nevão batido pelo vento, quase que impossibilitavam o equilíbrio dos corredores nas bicicletas.

No *Bondone*, **Charly Gaul** escreveu com letras de ouro a sua vitória na etapa e a envergadura da *maglia rosa* que não mais iria despir até ao fim da prova.

Devorando quilómetro após quilómetro, enquanto os seus adversários iam ficando exaustos na berma da estrada, **Charly Gaul** aumentava a sua vantagem minuto sobre minuto, insensível à neve que ia caindo incessantemente e com a temperatura a cair para

valores inimagináveis. Quando cortou a meta, **Charly Gaul**, esgotado, foi amparado e levado em braços pelos carabinieri.

Alessandro Fantini, o 2.º a cortar a meta, chegou com 7 minutos e 44 segundos de atraso. O 3.º na meta foi Fiorenzo Magni, com mais 12 minutos e 15 segundos.

Foi, sem dúvida, uma das mais belas vitórias do *Anjo da Montanha* !

José Magalhães Castela

**20 de Maio de 2012 – 15.^a etapa: Busto Arsizio – Lecco / Pian dei
Resinelli (172 km)**

Resumo para os comentadores: Extravagante, excêntrico e irreverente, Mário Cipollini é muito justamente considerado um dos grandes sprinters de todos os tempos.

Super Mário Cipollini

Que podemos dizer sobre o italiano **Mário Cipollini**, por muitos, considerado o melhor *sprinter* de todos os tempos ?

Que não gostava de estágios em altitude, porque o deixavam cansado, ou porque certa vez tentou correr com uma camisola que lhe tinha sido dada pelo futebolista brasileiro Ronaldo !

Porque apareceu para correr os *Seis Dias de Milão*, vestido com um smoking branco, ou porque foi multado por aparecer no *Tour de France* todo vestido de amarelo !

Porque mandou pintar a bicicleta e os calções com as cores da bandeira dos Estados Unidos da América, ou porque mandou fazer um equipamento de corrida, tipo techno-skinsuit inspirado no filme *Tron* de 1982 !

Porque se vestiu de Imperador Romano no dia de descanso do *Tour de France* de 1999 ou porque tentou correr um *contra-relógio* com um equipamento integral pintado com as cores de uma zebra !

Extravagante, excêntrico e irreverente, **Mário Cipollini** disse um dia, que se não tivesse sido corredor de bicicleta, muito provavelmente teria optado pela carreira de artista porno !

Para os amigos sempre foi o **Cipo**. Para os adversários, o **Rei Leão**. Muitos jornalistas apelidaram-no de **Mário o Magnífico**. Os directores desportivos que esfregavam as mãos de contentes por cada vitória sua, puseram-lhe a alcunha de **Super Mário**. Para as mulheres é o **Belo**. E para os organizadores das provas velocipédicas, não raro, sempre foi uma verdadeira dor de cabeça.

189 vitórias (... *não, meu caro, deve estar enganado ... julgo que são 191 ... é melhor aprender a contar ...*) numa carreira fantástica (... *para mim, o ciclismo é uma*

paixão, uma religião ...) e com um modo de correr e de atacar os adversários nos últimos 200 metros (... *please, follow me ...*), nas quais sobressaem, as 42 vitórias em etapas do *Giro d'Itália*, um record que tinha sido estabelecido por Alfredo Binda em 1933 (... *ficaria feliz só por poder engraxar os sapatos de Alfredo Binda ...*)

Mas também as 12 vitórias em etapas no *Tour de France* e 3 na *Vuelta a España*. Acrescente-se, já agora, 14 vitórias em etapas na *Volta ao Mediterrâneo*, 12 na *Volta à Romandia*, 11 na *Volta à Catalunha*, 7 no *Paris-Nice*, 6 na *Volta a Aragão*, 6 na *Volta a Valência* e 4 no *Tirreno-Adriático*.

Nascido em 22 de Março de 1967 em Lucca, na Toscana, **Mário Cipollini** enveredou pelo profissionalismo em 1989, na modesta formação de *Del Tongo*, mas também passou a sua categoria por outras equipas, como por exemplo, pela *Mercatore Une*, *Saeco*, *Acqua & Sapone*, *Domina Vacanze* e *Liquigas*.

No imaginário dos adeptos de ciclismo, todos se recordam da 4.^a etapa do *Tour de France* de 1999, na distância de 194,5 km, entre Laval e Blois, que **Mário Cipollini** venceu ao *sprint*. Não foi apenas mais uma vitória. É considerada a etapa em linha do *Tour de France*, mais rápida de sempre. A uma média de 50,355 km/hora !

Ou daquele *Campeonato do Mundo de Estrada*, em 2002, em Zolder, quando **Mário Cipollini**, após 256 km de prova, bate ao *sprint* o australiano Robbie McEwen e o alemão Erik Zabel, outros dois excepcionais corredores da mesma cepa !

José Magalhães Castela

22 de Maio de 2012 – 16.^a etapa: Limone del Garda - Falzes (174 km)

Resumo para os comentadores: Na edição do Giro d'Itália de 1989, o corredor português Acácio da Silva vestiu, por duas vezes, a maglia rosa. E um mês depois, vestiu o maillot jaune no Tour de France.

Acácio da Silva – Maglia rosa no Giro d'Itália de 1989.

Quando o corredor português **Acácio da Silva** alinhou à partida da edição do *Giro d'Itália* de 1989, não era propriamente um corredor desconhecido.

Pelo contrário.

Acácio da Silva tinha fama de bom finalizador quando o deixavam *ir embora* a cinco quilómetros da meta e podiam contar com ele na média montanha. E sobretudo, sabia vencer etapas.

Por outro lado, já tinha uma experiência acumulada das várias edições do *Giro d'Itália* em que já tinha participado. Já sabia que o *Giro d'Itália*, tanto andava de braço dado com o calor e com o vento, como com o frio, com a chuva e com a neve.

Na realidade, foi em 1982, que **Acácio da Silva** participou pela primeira vez na maior prova italiana. Foi 78.º no final da prova. Mas também se apresentou nas edições do *Giro* de 1983, de 1984, de 1985 e de 1986, chegando ao fim em todas as edições.

Nesse mesmo ano de 1986, Acácio da Silva concluiu o *Giro* no 7.º posto da *geral individual final*, a 7 minutos e 12 segundos de um surpreendente Roberto Vicentini.

Acácio da Silva, já detinha, inclusivamente, um bom palmarés, que incluía quatro etapas no *Giro d'Itália*. Na edição da prova de 1985, tinha vencido a 8.^a etapa entre Foggia e Matera e a 10.^a etapa entre Crotona e Paola, então esta última, uma verdadeira tirada de alta montanha. E nessa edição, tinha igualmente creditado a seu favor quatro *contagens de montanha*, nomeadamente a *San Eusébio*, a *Costalunga*, a *Monte Scuro* e a *Forca d'Acero*.

Tinha vencido duas etapas na edição de 1986 do *Giro de Itália*, nomeadamente, a 9.^a etapa, entre Avezano e Rieti e a 21.^a etapa entre Bassano del Grappa e Bolzano, uma etapa de alta montanha, perfeitamente medonha, com quatro contagens, qual delas a

mais dura: *Rolle* (1.970 metros), *Pordoi* (2.239 metros), *Campolongo* (1.875 metros) e a que **Acácio da Silva** venceu, a *Gardena* (2.121 metros).

E a experiência internacional de **Acácio da Silva**, também já lhe tinha proporcionado algumas vitórias em etapas de provas de relevo, nomeadamente, na *Volta a França*, na *Volta ao Luxemburgo*, na *Volta à Suíça*, no *Tirreno-Adriático* e na *Volta à Romandia*, para só referir as mais importantes.

Quando **Acácio da Silva** iniciou a edição do *Giro d'Itália* de 1989, começou por dar nas vistas logo de início. Logo na 1.^a etapa, entre Taormina e Catania, ao entrar numa *fuga*, que por pouco não teve sucesso.

Inconformado, **Acácio da Silva** deu mostras do seu real valor no dia seguinte, na 2.^a etapa, entre Catania e os 1.302 metros do vulcão Etna. Os últimos 15 quilómetros foram repletos de ataques e contra-ataques que ficaram gravados nos anais do ciclismo, em que **Acácio da Silva** teve como adversários os credenciados Tony Rominger e Luís Herrera.

A vitória de **Acácio da Silva** na difícil etapa, a uma média de mais de 38 km/hora, foi justa e permitiu-lhe vestir a tão ambicionada *maglia rosa*, para completo delírio dos tifosi italianos, tanto mais que ele militava numa formação italiana, a *Carrera*.

A *maglia rosa* saiu do corpo de **Acácio da Silva** no final da 3.^a etapa. Mas, persistente como sempre foi, voltou a vesti-la no final da 9.^a etapa, entre L'Aquila e Gubbio, uma tirada de média montanha com 221 km de extensão e que foi ganha por um imparável Bjarne Riis em grande momento de forma.

O ano de 1989 foi um ano de grandes alegrias para **Acácio da Silva**, pois, cerca de um mês depois, em Julho, iria vestir o *maillot jaune* no *Tour de France*.

José Magalhães Castela

23 de Maio de 2012 – 17.^a etapa: Falzes – Cortina d'Ampezzo (187 km)

Resumo para os comentadores: Na Bélgica, Fiorenzo Magni ficou conhecido pelo Leão da Flandres, por ter vencido três edições do Tour de Flandres. E em Itália, ficou conhecido pelo ...Terceiro Homem. Juntamente com Fausto Coppi e Gino Bartali, constituíram o triunvirato de ouro do ciclismo italiano.

Fiorenzo Magni – O Leão da Flandres ou o Terceiro homem.

Na Bélgica, o antigo corredor italiano **Fiorenzo Magni** ainda hoje é lembrado como o *Leão da Flandres*, em justa homenagem às suas três vitórias consecutivas (1949, 1950 e 1951) na *Ronde Van Vlaanderen*, popularmente conhecida pelo *Tour de Flandres*.

Mas na Itália, e com mais justiça, foi alcunhado pelo *Terceiro Homem*, não por qualquer ligação ao personagem do romance de Graham Greene, mas sim, por ter pertencido ao triunvirato de ouro do ciclismo italiano, e que integrava também Fausto Coppi e Gino Bartali.

Fiorenzo Magni nasceu a 7 de Dezembro de 1920 em Vaiano di Prato, na Toscana e na primeira prova que correu como amador, com 20 anos, a *Coppa Burci*, disputada em Florença, cortou a meta em 1.º lugar. Só que a prova era aberta, não só a corredores *Amadores*, mas também a corredores *Profissionais*.

No ano seguinte, ousou meter-se entre os melhores e cortou a meta em 4.º lugar no *Milão-S.Remo* e em 9.º lugar no *Giro da Lombardia*.

A aprendizagem continuou nos anos seguintes com algumas vitórias e a superação de três *recordes do mundo*, nomeadamente, nos 50 km, nos 100 km, e nas 30 milhas.

Mas vivia-se o período da 2.^a Grande Guerra Mundial, com uma Itália envolvida no conflito e sem muitas provas para **Fiorenzo Magni** demonstrar o seu valor.

Teve que esperar por 1947. Nesse ano, vai ao pódio no *Campeonato de Itália*, faz um 9.º lugar no *Giro d'Itália* e fica em 4.º no *Campeonato do Mundo*.

O ano de 1948 traz a sua primeira grande vitória: O *Giro d'Itália*, após intenso despique com o 2.º classificado, o seu compatriota Ezio Cecchi. Venceu a maior prova italiana por escassos 11 segundos.

Em 1949, **Fiorenzo Magni** alinha pela primeira vez no *Tour de Flandres*. Sabia ao que ia (uma vez que no ano anterior tinha conhecido a dureza do pavé no *Paris-Roubaix*, onde tinha obtido o 5.º lugar) e inovou a bicicleta. Conseguiu aros de madeira para as rodas e forrou o guiador da bicicleta com espuma. Com uma máquina mais leve e com a trepidação mais reduzida, venceu a prova. Mas também foi 3.º no *Milão-S.Remo*, 4.º no *Campeonato de Itália* e no *Giro da Lombardia*. E foi pela primeira vez ao *Tour de France*. Venceu uma etapa, caiu, e mesmo muito ferido concluiu a prova em Paris no 6.º lugar.

O ano de 1950 leva-o novamente às Clássicas da Primavera: 4.º Lugar no *Milão-S.Remo*, 3.º lugar no *Paris-Roubaix* e nova vitória num tempestuoso e difícil *Tour de Flandres*. No *Giro d'Itália*, vitória numa etapa e 6.º lugar na *geral individual*.

Fiorenzo Magni é seleccionado para ir ao *Tour de France*, na equipa de Itália, capitaneada por Gino Bartali. Em pleno *col de Aspin*, quando Gino Bartali disputava a subida com Jean Robic, o corredor francês cai devido a ter chocado com um fotógrafo. Os adeptos franceses de Jean Robic, no convencimento de que a culpa tinha sido do italiano, agridem Gino Bartali, e este, apesar de ter vencido a etapa em Saint Gaudens, decide abandonar o *Tour de France*. Todos os corredores italianos, em solidariedade com o seu chefe-de-fila, também abandonam o *Tour de France*.

Fiorenzo Magni também abandonou o *Tour de France*. Só que andava vestido com o *maillot jaune*, símbolo da liderança.

... *É claro que me senti mal com a decisão, mas há coisas mais importantes que vencer um Tour de France. Se fosse hoje, teria tomado a mesma decisão ...*

O ano de 1951 trouxe muitas vitórias a **Fiorenzo Magni**. Resultados interessantes no *Milão-S.Remo*, no *Paris-Roubaix*, na *Flèche Wallonne* e nova vitória no *Tour de Flandres*. Nova vitória absoluta no *Giro d'Itália* e um 7.º lugar no *Tour de France*. Pelo meio, muitas vitórias. Termina a época com o título de *Vice-Campeão do Mundo*.

O ano de 1952 traz a **Fiorenzo Magni** uma grande alegria. Depois de tantas tentativas, consegue chegar à vitória no *Roma-Nápoles-Roma*, uma prova mítica, criada em 1902 e infelizmente já desaparecida. Novo 6.º lugar no *Tour de France*, onde venceu duas etapas e andou de *maillot jaune*.

Em 1953, os anos já começam a pesar a **Fiorenzo Magni** e as vitórias já não são muitas. Vence etapas no *Giro d'Itália* e no *Tour de France* e novamente a sua corrida preferida: O *Roma-Nápoles-Roma*.

Mas o melhor estava para chegar. Em 1955. **Fiorenzo Magni** já ia nos 35 anos. Mas conseguiu nova vitória absoluta no *Giro d'Itália*.

E no ano da despedida, em 1956, a grande vitória da sua vida: O 2.º lugar no *Giro d'Itália*, mesmo após duas terríveis quedas. A primeira fracturou-lhe a clavícula esquerda e a segunda fracturou-lhe o úmero. Mas terminou a prova e terminou bem. Recuperou a tempo de conseguir o terceiro lugar no *Giro da Lombardia*, uma prova que sempre desejou vencer.

Durante toda a sua carreira, bateu-se a taco e taco com os dois maiores amigos que fez no ciclismo: Fausto Coppi e Gino Bartali

... Perder para o Fausto (Coppi) e para o Gino (Bartali) e cumprimentá-los no fim, foi sempre uma experiência que me deixou feliz e que me ensinou muito. Eles sempre foram mais rápidos do que eu a subir e eu estava sempre a aprender com eles. Sempre fomos grandes amigos. E depois havia também o Bobet (Louison), o Kubler (Ferdinand), o Hugo (Koblet), o Geminiani (Raphael) e tantos outros. Sem eles a correr, eu teria tido muito mais vitórias, mas também o ciclismo da nossa época não teria sido tão lendário ...

Discreto e humilde na pessoa e no trato, como sempre foi, vale a pena escutá-lo e ouvir o que tem a dizer, pois é um verdadeiro cavalheiro.

Fiorenzo Magni ainda é o Presidente da *Fondazione Museo del Ciclismo*, que cuida e gere o museu existente na subida de *Madonna del Ghisallo*, a santa padroeira dos ciclistas, perto do lago Como.

... Durante anos e anos tentei vencer o Giro da Lombardia, que começa a decidir-se na Madonna del Ghisallo, mas a culpa foi do Fausto (Coppi), que subia bem e era melhor do que eu ! ...

José Magalhães Castela

24 de Maio de 2012 – 18.^a etapa: San Vito Cadore – Vedelago (139 km)

Resumo para os comentadores: A primeira vitória de Eddy Merckx no Giro d'Itália e o começo da maior lenda do ciclismo mundial.

A vitória de Eddy Merckx no Giro d'Itália de 1968

Quando **Eddy Merckx** alinhou à partida na edição do *Giro d'Itália* de 1968, não era um corredor desconhecido. Mas também não tinha ainda o apelido de ... *Canibal* !

Eddy Merckx passou a deter a categoria de Profissional no dia 27 de Abril de 1965, pela equipa *Solo – Superia*. Nesse ano, ainda disputou 69 corridas, obtendo 9 vitórias.

No ano de 1966, já vemos **Eddy Merckx** na formação da *Peugeot – BP*, mas os resultados não dão para mostrar as capacidades técnico-atléticas do corredor. É certo que vence o seu primeiro *Milão-S.Remo*, mas é forçado a abandonar no *Paris-Roubaix* e na *Flèche Wallonne*. O 4.º lugar no *Paris-Nice* e um 2.º lugar no *Giro da Lombardia*, não dão para mostrar o que vale um **Eddy Merckx** que ainda só tem 20 anos.

O ano de 1967 é o primeiro grande ano de **Eddy Merckx**. Vitórias absolutas no *Milão-S.Remo*, no *Gand-Wevelgem* e na *Flèche Wallonne*. Vai ao pódio para receber os louros do 3.º lugar no *Tour de Flandres* e de seguida vai pela primeira vez ao *Giro d'Itália*, onde se classifica num bom 9.º lugar, acumulando com duas vitórias em etapas. **Eddy Merckx** em final de época, torna-se *Campeão do Mundo* no dia 3 de Setembro desse ano de 1967.

Nessa altura, os jornais italianos, consideram que **Eddy Merckx** era fundamentalmente um corredor de *Clássicas*, um corredor de provas de um dia. Não o consideram um corredor de grandes provas. Longe disso. Até chegam a afirmar que a Bélgica passou a ter um grande *sprinter*. Como estavam redondamente enganados !

Eddy Merckx começou o ano de 1968 por mudar de equipa. Passa a defender as cores da equipa italiana da *Faema*. Passa a ter o estatuto de *chefe-de-fila*. Descobre a excelente organização italiana, com outros métodos de treino, e com o seu *equipier* Vittorio Adorni descobre igualmente alguns segredos sobre dietética, que lhe vão ser preciosos no futuro.

O início do ano é de algum modo decepcionante. Abandonou o *Paris-Nice*, que se realizou de 7 a 15 de Março. Abandonou a *Semana Catalã*, que se realizou de 26 a 31 de Março e novo abandono na *Volta à Bélgica* que se realizou de 2 a 5 de Abril.

Eddy Merckx vinga-se da má sorte ao vencer, no dia 7 de Abril, o *Paris-Roubaix* e logo de seguida, de 9 a 12 de Maio, o *Tour da Romandia*.

Prepara-se então com vigor, para o *Giro d'Itália*, que nesse ano de 1968, vai de 21 de Maio a 12 de Junho. **Eddy Merckx** é agora um corredor diferente que vai descobrir as estradas da Península Itálica, de outra maneira. Tem apenas 22 anos, mas já casou. Está um corredor mais maduro.

O *Giro d'Itália* começou com um *Prólogo* disputado em 10 séries de 13 corredores. Para a *classificação geral individual*, o melhor passa a vestir a *maglia rosa*. O francês Charly Grosskost é o primeiro líder. Mas a 2.^a etapa de Campione a Novara é creditada por **Eddy Merckx**, que passa a vestir a *maglia rosa*.

Mas na 3.^a etapa, que terminou em Alba, a *maglia rosa* vai para o italiano Michele Dancelli da formação da *Coca Cola*. Nada que perturbe **Eddy Merckx**.

Na 8.^a etapa de San Giorgio a Brescia, **Eddy Merckx** dá novo sinal, na chegada ao alto. Vence a etapa e deixa Felice Gimondi a 48 segundos. A partir daqui, os jornais italianos começam a falar num despique entre **Eddy Merckx** e Felice Gimondi. Nada mais errado. O único adversário de **Eddy Merckx** é ... ele próprio.

Michele Dancelli ia vestindo todos os dias a *maglia rosa* mas sabia que isso ia acabar.

E chegou a 12.^a etapa de *Goriza a Tre Cime de Laverado*. Só de olhar a montanha, mete medo, quanto mais subi-la.

Na véspera, 27 de Maio, **Eddy Merckx** está gripado. Tem 39 graus de febre e tiritas de frio. O seu manager Vincent Giacotto e o médico da equipa estão muito inquietos. Mas **Eddy Merckx** sossega-os e diz que vai ficar bem.

A estratégia da etapa passa pelo equipier da *Faema*, Martin Vanden Bossche, atacar cedo para desgastar os mais directos adversários do pelotão. Quando este acaba o trabalho, começa o de Vittorio Adorni. Até que **Eddy Merckx** fica sozinho.

Curvado sobre o guiador ou pedalando em cima dos pedais, alterando o ritmo consoante a sua própria conveniência, numa ginástica pouco estética mas admirável, que não deixa cessar, um a um, todos os outros corredores vão ficando para trás.

Debaixo de neve, **Eddy Merckx** está agora em luta consigo próprio, até chegar aos 2.320 metros do alto de Laverado, nos Dolomitas.

Chega completamente esgotado à meta e é de imediato amparado por dois polícias que o levam até um resguardo.

Eddy Merckx veste a *maglia rosa* para não mais a despir até Nápoles. Ainda só tem 22 anos e a generosidade e espontaneidade de um adolescente, associado à força e determinação de um homem, consciente das suas possibilidades e das suas ambições.

Em Nápoles, o seu *equipier* e amigo Vittorio Adorni ficou em 2.º lugar a mais de 5 minutos e Felice Gimondi, o menino bonito dos tifosi transalpinos em 3.º, a 9 minutos e 5 segundos.

Mas em Nápoles, **Eddy Merckx** veste igualmente a Camisola do *Prémio da Montanha* e o jersey do melhor na *Regularidade*.

Os jornais desportivos apelidam-no de ... *Sua Magestade Eddy Merckx* ! Mas também dizem ... *Comincia il ciclismo* ! (o ciclismo vai começar).

Terá porventura sido, neste ano de 1968, que se começou a forjar a lenda do *Canibal*.

José Magalhães Castela

25 de Maio de 2012 – 19.^a etapa: Treviso – Alpe di Pamepago (197 km)

Resumo para os comentadores: Felice Gimondi, foi um corredor polivalente que conseguiu vencer as 3 grandes provas de ciclismo: O Tour de France, o Giro d'Itália e a Vuelta a España.

Felice Gimondi – Um cavalheiro no ciclismo

Felice Gimondi nasceu em 29 de Setembro de 1942, em Sedrina, na província de Bergamo, e foi sem dúvida um dos maiores corredores da sua geração.

Para além de ter sido o primeiro corredor italiano a vencer as três grandes provas, ou sejam, o *Tour de France*, o *Giro d'Itália* e a *Vuelta a España*, proeza até então, apenas conseguida pelo francês Jacques Anquetil, foi um corredor polivalente, um pouco à semelhança de Eddy Merckx, pois era excepcionalmente dotado para todo o tipo de provas: Grandes voltas, provas de uma semana, clássicas de um só dia e até mesmo provas de pista.

Detentor de um extenso e brilhante palmarés, que inclui 621 subidas aos diferentes pódiums das provas onde participou, nas quais recebeu os troféus referentes às 165 vitórias ao longo de 13 anos de profissionalismo (de 1965 a 1978), **Felice Gimondi**, é detentor de vitórias absolutas em provas tão diferentes como o *Giro d'Itália* (vitórias nas edições de 1967, 1969 e 1976), *Tour de France* (edição de 1965) ou *Vuelta a España* (edição de 1968), Clássicas da Primavera, como o *Paris Roubaix* (1966), o *Giro da Lombardia* (1966 e 1973) e o *Milão-S.Remo* (1974), Provas de uma semana como a *Volta à Romandia* (1969) e a *Volta à Catalunha* (1972), *Campeonatos Nacionais de Itália* (1968 e 1972), *Campeonato do Mundo* (1973) e em inúmeras provas de ciclismo de estrada menos conhecidas e provas de pista.

Calmo e ponderado, e com um perfeito domínio no uso da palavra, **Felice Gimondi** foi um verdadeiro *gentleman* do ciclismo. Adversário de muitos dos grandes corredores da história do ciclismo moderno, teve sempre o cuidado de estabelecer com eles grandes relações de amizade. Eram muito comentadas as suas atitudes antes de iniciar as etapas de *contra-relógio*, quando se dirigia aos seus adversários para os cumprimentar e lhes desejar boa sorte na etapa.

Conservador por natureza, **Felice Gimondi** militou apenas em duas equipas profissionais italianas: A *Salvarani* (durante 8 anos) e a *Bianchi Campagnolo* (durante 5 anos), curiosamente, ambas as formações, que vestiam com jersey azul, como que a recordar aos adeptos as cores de uma *squadra azurra*.

E o conservadorismo de **Felice Gimondi** chegava ao ponto de nunca faltar a muitas das provas do seu país, como o *Giro d'Itália*, o *Giro do Piemonte*, o *Giro da Lombardia*, o *Milão-S.Remo* ou o *Tirreno-Adriático*, para só referir as mais conhecidas.

Nos primeiros anos de profissionalismo, **Felice Gimondi** nunca faltava às Clássicas da Primavera, como o *Milão-S.Remo*, *Volta a Flandres*, *Paris-Roubaix*, *Gang-Wevelgem*, *Flèche Wallonne* e *Liège-Bastogne-Liège*, a tal ponto que alguns jornalistas escreveram que a Itália dispunha de um corredor para esse tipo de provas.

Mas rapidamente, **Felice Gimondi** provou-lhes o contrário, quando venceu o *Tour de France* com 23 anos e o seu primeiro *Giro d'Itália* com 25 anos, que o transformaram em autêntico herói nacional.

E não era para menos.

Em 1965 (no seu primeiro ano de profissionalismo), o director da formação *Salvarani*, de nome Luciano Pezzi, incluiu à última da hora, o jovem **Felice Gimondi**, com 23 anos, no lote de corredores seleccionado para o *Giro d'Itália*, em virtude da doença de um dos *equipiers* da equipa. As funções de **Felice Gimondi** passavam por apoiar o chefe-de-fila da equipa, Vittorio Adorni. Por mais que uma vez, **Felice Gimondi**, em fuga, foi mandado “ parar “ para apoiar o líder da equipa. Ficou em 3.º lugar nessa edição desse *Giro d'Itália*.

Assim que o *Giro d'Itália* terminou (em 6 de Junho), o financiador da equipa *Luigi Salvarani*, chamou **Felice Gimondi** e perguntou-lhe se ele queria ir correr o *Tour de France*, que se iniciava pouco depois, a 22 de Junho. Felice Gimondi disse que ia ouvir a opinião do Pai e que depois lhe dava a resposta. Aceitou o desafio e venceu essa edição do *Tour de France*, depois de duas etapas soberbas na região da Bretanha.

Quando chegou a Itália, foi considerado herói nacional pelos seus adeptos.

E sempre disse que a melhor recordação que guarda consigo é o *maillot jaune* que vestiu, quando venceu o *Tour de France*, assinado por todos os vencedores da prova gaulesa, que nesse ano de 1965 ainda estavam vivos.

26 de Maio de 2012 – 20.^a etapa: Caldes – Passo dello Stelvio (218 km)

Resumo para os comentadores: Giuseppe Saronni nunca foi um corredor que gostasse particularmente das grandes provas. Mas o Giro d'Itália, era o Giro d'Italia, a prova que mais gostava de correr.

Giuseppe Saronni – Das Clássicas da Primavera ao Giro d'Itália

Giuseppe Saronni é um caso muito particular na história do ciclismo italiano e mundial. A generalidade dos comentadores sempre o apontou como sendo particularmente vocacionado para as provas de um dia, mas que gostava de correr o Giro d'Itália.

Giuseppe Saronni, nasceu em 22 de Setembro de 1957 em Novara, no Piemonte, a poucos quilómetros da região dos Grandes Lagos italianos.

Em 1977, com apenas 20 anos de idade, **Beppe** (como o tratam os amigos), tornou-se corredor profissional, ao assinar um contrato com a equipa da *SCIC-Colnago*, e deu logo nas vistas ao vencer a *Volta a Sicília*. Um 2.º lugar na *Flèche Wallonne* e na *Volta ao Piemonte* e um 3.º lugar no *Tirreno-Adriático*, consolidaram a sua reputação como grande velocista.

No ano seguinte, em 1978, **Giuseppe Saronni**, iniciou a época com um 2.º lugar no *Milão-S.Remo*, mas creditou a seu favor 27 vitórias absolutas em outras tantas provas, nomeadamente no *Tirreno-Adriático*. Pela primeira vez, alinhou no *Giro d'Itália*, conseguindo um magnífico 5.º lugar, após ter vencido 3 etapas.

O ano de 1978 ajudou a consolidar a sua fama de excelente *finisseur*. Vitórias absolutas no *Campeonato de Zurique*, na *Volta à Romandia* e no *Midi-Libre*. Novamente o 2.º lugar no *Milão-S.Remo*, e também na *Flèche Wallonne* e no *Tirreno-Adriático*.

E a primeira vitória absoluta no *Giro d'Itália*, onde também creditou à sua conta, não só a camisola dos *Pontos*, mas também 3 etapas.

Em 1980, agora na formação da *Gis Gelati*, **Giuseppe Saronni**, sagrou-se *Campeão de Itália* e vence finalmente a *Flèche Wallonne*. Desiludiu-se com a sua prestação no *Giro d'Itália*. Ficou num modesto 7.º lugar. Mas o esforço de vencer 7 etapas na maior prova italiana, paga-se bem caro.

No ano seguinte, em 1981, **Giuseppe Saronni** sagra-se *Vice-Campeão do Mundo* em Praga, após ter sido batido junto da linha de meta, pelo corredor belga Freddy Maertens. Um 3.º lugar no *Giro d'Itália* não deslustrou as 24 vitórias que obteve nesse ano.

O ano de 1982 foi um bom ano para **Giuseppe Saronni**. Foi o ano em que mais vitórias conquistou. Somou 34. Foi o ano em que se sagrou *Campeão do Mundo de Estrada* em Goodwood, em Inglaterra, ao bater Greg Lemond num sprint deveras impressionante e que ficou para contar. Até passou a ser alcunhado do *Goodwood rifle-shot* !

Mas foi também o ano das suas vitórias no *Giro da Lombardia*, na *Volta à Suíça* e no *Tirreno-Adriático*.

Mas teve uma nova decepção com o 6.º lugar no *Giro d'Itália*, onde venceu 3 etapas.

No ano de 1983 já encontramos **Giuseppe Saronni** na formação da *Del Tongo-Colnago*. Uma mudança bem vinda, que lhe proporcionou, finalmente, novas vitórias nomeadamente no *Milão-S.Remo* e no *Giro d'Itália*.

Sem muita motivação, vai pela primeira vez à *Volta a Espanha*. Vence duas etapas mas abandona antes do fim.

Nos anos seguintes, particularmente em Itália as vitórias continuam, mas a um ritmo menor.

Em 1986 ainda consegue um brilhante 2.º lugar no *Giro d'Itália*.

E é só em 1987, já com 30 anos, que **Giuseppe Saronni** vai correr pela primeira vez o *Tour de France*. Não obstante o apoio que lhe foi dado pelo seu amigo, o actor cinematográfico Alin Delon, que o acompanhou em algumas etapas do *Tour de France*, foi forçado a abandonar na exigente 13.ª etapa entre Bayonne e Pau.

Giuseppe Saronni encerrou a sua carreira desportiva com 33 anos, após ter preenchido o seu brilhante palmarés com 196 vitórias. A sua prova favorita, o *Giro d'Itália*, contou com a sua presença durante 13 edições, que lhe proporcionaram a vitória em 22 etapas e a conquista de 4 camisolas dos Pontos, nomeadamente nas edições de 1979, 1980, 1981 e 1983.

Após a retirada da competição, **Giuseppe Saronni** manteve-se ligado ao ciclismo, tendo vindo nos últimos anos a colaborar com a formação da *Lampre*.

José Magalhães Castela

27 de Maio de 2012 – 21.^a etapa: Milan - Milan (31,5 km)

Resumo para os comentadores: Algumas s estatísticas do Giro d'Itália

Giro d'Itália – Estatísticas

Alfredo Binda (1925, 1927, 1928, 1929 e 1933), Fausto Coppi (1940, 1947, 1949, 1952 e 1953) e Eddy Merckx (1968, 1970, 1972, 1973 e 1974) foram os corredores que mais vezes venceram o Giro d'Itália.

Os corredores italianos Gino Bartali, Giovanni Brunero, Felice Gimondi e Fioreno Magni venceram 3 edições da prova.

Apenas um estrangeiro, Bernard Hinault, venceu também 3 edições do Giro d'Itália.

O vencedor do Giro d'Itália mais jovem de sempre foi o italiano Fausto Coppi, que venceu a prova em 1940, com 20 anos, 8 meses e 25 dias.

Por sua vez, o vencedor mais velho foi Fiorenzo Magni. Tinha 35 anos, quando venceu a edição de 1955.

Alfredo Binda foi o corredor que mais etapas venceu numa só edição do Giro d'Itália.

Aconteceu em 1927. Venceu 12 das 15 etapas que compunham essa edição da prova.

Felice Gimondi foi o corredor que mais vezes foi ao pódio. Venceu a prova por 3 vezes, ficou 2 vezes em 2.º lugar e 4 vezes em 3.º lugar. Um total de 9 pódiums.

Mário Cipollini foi o corredor que mais etapas venceu: 42 etapas. Alfredo Binda venceu 41 etapas e Learco Guerra venceu 31 etapas.

Eddy Merckx foi o corredor que mais dias andou vestido com a maglia rosa: 77 dias.

Os corredores italianos venceram 66 edições do Giro de Itália. Muito distantes, os corredores belgas, com apenas 7 vitórias (em boa medida devidas a Eddy Merckx) e os franceses com 6 vitórias.

A Itália é o país que mais pódiums (três primeiros lugares) conquistou no Giro de Itália: 201 pódiums, contra 15 da Bélgica e 14 da França.

Foi só em 4 edições, é que o Giro de Itália não teve italianos no pódio: Nos anos de 1972, 1987, 1988 e 1995.

A etapa em linha mais rápida de sempre numa edição do Giro de Itália foi conseguida por Mário Cipollini na edição de 1997: 48,521 km/hora. Foi a etapa entre Veneza e o

Circuito de Lido na extensão de 128 km. Mário Cipollini, detém igualmente o record da etapa em linha mais rápida de sempre no Tour de France.

José Magalhães Castela